

SUJEITO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NOS ESCRITOS DE FRIDA KAHLO

/ SUBJECT, IDENTITY AND RESISTANCE IN FRIDA KAHLO'S WRITINGS

Giselle de Souza Viana Soldati Reis¹

Leoné Astride Barzotto²

RESUMO: Este artigo se propõe voltar sua atenção aos ângulos do indivíduo mexicano colonizado e objetificado, a partir dos conceitos de sujeito, identidade e emancipação, oriundos, principalmente, do pensamento de Homi Bhabha. A análise terá como ponto de partida fundamental uma correspondência redigida por Frida Kahlo e remetida ao presidente do México. Também terá como objetivo analisar o discurso colonial-imperialista criticado pela autora e demonstrar, através da *diegese* kahlina, a valorização da América Latina como autoridade cultural frente às representações coloniais e imperialistas norte-americanas e europeias.

Palavras-chave: Identidade; Sujeito e Objeto; Emancipação; Frida Kahlo.

ABSTRACT: This article aims at giving attention to the Mexican individual who is colonized and objectified, based on the concepts of subject, identity and emancipation which are present, mainly, in Homi Bhabha's ideas. The analysis has, as a fundamental start, a letter written by Frida Kahlo and sent to the president of Mexico at the time. It has as an aim to analyse the colonial-imperialist discourse that is criticized by the author and reveals, through the kahlina diegesis, Latin America empowerment within a cultural authority towards the colonial representations and North American and European as well.

Keywords: Identity; Subject and Object; Emancipation; Frida Kahlo.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Vinte e nove de outubro de mil novecentos e quarenta e oito, Coyoacán, México. Registra-se, nesta data, uma correspondência redigida por Frida Kahlo e endereçada, à época, ao presidente do México, Dr. Miguel Alemán Valdés. De início, evidencia-se o tom “ácido” disseminado ao longo do texto por sua autora: “esta carta é um protesto de justa indignação contra um atentado covarde e degradante que se está a cometer neste país” (KAHLO *apud* TIBOL, 2004, p.427). O atentado a que ela se refere ocorreu por ocasião do arrendamento de um hotel a indivíduos norte-americanos e que, na carta, são caracterizados como representantes de um poder colonial. O atentado, propriamente dito, foi cometido quando cobriram com tábuas o

¹ Mestranda do PPGLetras/UFGD. gisellevianasol@hotmail.com

² Professora Doutora em Estudos Literários – Diálogos Culturais. Docente permanente do PPGLetras da UFGD e orientadora de Mestrado. Dourados – MS – Brasil. leonebarzotto@ibest.com.br

mural de Diego Rivera, – consagrado artista mexicano e marido de Frida –, que ficava instalado no salão de refeições do referido hotel. Tal atitude foi considerada como uma afronta não apenas a ela e a Diego, mas a todo o povo do México. Como ela própria afirmou:

[...] eu protesto e quero alertá-lo para a tremenda responsabilidade histórica que o seu governo está a assumir, ao permitir que a obra de um pintor mexicano, reconhecido mundialmente como um dos mais altos expoentes da Cultura do México, seja tapada, escondida dos olhos do povo deste país e dos do público internacional por razões *sectárias, demagógicas e mercenárias* [sic] (FRIDA *apud* TIBOL, 2004, p.428).

Frida compara tal ato a regimes totalitários e ditatoriais como os de Hitler e da “Santa Inquisição” e estende sua crítica não apenas aos de fora, mas também a alguns mexicanos que, de má-fé e de conluio com um grupo de acionistas, “[...] tentam encapotar as palavras da *História do México*” (2004, p.428). Seu discurso revela a veemência com que defendia a liberdade de seu povo que, segundo ela, é a característica fundamental para representar a vanguarda de uma nação livre, cujos símbolos culturais não deveriam estar subjugados a um poder colonial-imperialista.

Crime contra a cultura, liberdade democrática, luta com sangue, libertação, demagogia de gangsters, yankees são códigos disseminados ao longo de todo o texto e que constituem um panorama de alguns problemas que serão abordados aqui, a saber: a representação do indivíduo mexicano a partir do olhar estrangeiro, ou seja, o marginalizado; o contra discurso materializado por Frida; sua crítica à hegemonia cultural, política e econômica exercida pelos Estados Unidos e Europa aos países colonizados; e, sobretudo, a valorização da identidade mexicana a partir, *et al.*, das expressões artísticas.

A carta de Frida é um exemplo claro e preciso de uma estratégia discursiva pautada na luta contra o colonialismo, uma vez que se revela transgressiva e desconstrutivista. Nela, bem como em boa parte de sua obra, muito embora me deteremos aqui a apenas uma correspondência, está nítida sua consciência da necessidade de empreender iniciativas contra o poder sobre o sujeito outremizado³ e objetificado, materializando assim sua trajetória de resistência, marca indefectível que a caracteriza como sujeito de sua própria história, agente de uma ação social com poucos precedentes na história do México, por isso, marcadamente singular.

Em contrapartida, denuncia e critica a mímica, aos moldes de Bhabha (2010), praticada por muitos dos seus, ou seja, pelo próprio indivíduo mexicano, tal como já explicitarei anteriormente. Sua visão crítica é ampla o suficiente para identificar e apontar os elementos que compõem “[...] o palimpsesto perverso da identidade colonial” (BHABHA, 2010, p.75), o desejo, por vezes, de assumir os *loci* do colonizador. É exatamente essa consciência e capacidade de enxergar dois lados de uma mesma história; apontar fragilidades e potencialidades, não se alienar frente as ambiguidades inerentes à construção identitária de seu pró-

³ Conceito postulado por Gayatri Spivak caracterizado pelo outro colonizado e dependente culturalmente, desprovido, segundo o colonizador, de cidadania. A prática da outremização não leva em conta o outro. (ZOTESSO, Ligia. Ribeiro de Souza; BONNICI, Thomas; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes, 2010, p.269)

prio povo; e, propor, como postulou Walter Mignolo (2003, p.102), um outro pensamento, um pensamento liminar já que o faz a partir de uma dupla crítica.

Desse modo, é salutar mergulhar na vida e na obra de Frida Kahlo para, como afirmou Bhabha, perceber que “[...] é com aqueles que sofreram o sentenciamento da história – subjugação, dominação, diáspora, deslocamento – que aprendemos nossas lições mais duradouras de vida e pensamento” (BHABHA, 2010, p.240). A trajetória histórica do povo mexicano se estende a outros povos que passaram por semelhante experiência de colonização. De modo que, toda a América Latina e seus habitantes, invariavelmente, se reconhecem e se identificam em sua gênese.

A grande questão é com quem nos identificamos nesse retrato; com o sujeito da história, tal Frida, ou como sujeitados, nessa não tão inédita história de colonização? Ou, nossa figura corresponde, única e exclusivamente, a uma representação feita por aquele que, a preço de escravização, espoliação e sangue, nos delineou ou nós mesmos somos capazes de dar novos contornos à nossa identidade, removendo pouco a pouco as amarras que nos tornam tão dependentes, ainda, do nosso colonizador?

1. FALA O OUTRO OU FALA-SE *PELO* OUTRO? AS TENSÕES NA REPRESENTAÇÃO DA ALTERIDADE

*As representações são formações ou, como Roland Barthes disse de todas as operações de linguagem, deformações.*⁴

O senhor tem a obrigação de demonstrar aos povos civilizados que não está à venda, que no México se lutou com sangue e que se continua a lutar para libertar o país dos colonizadores, mesmo que estejam carregados de dólares” (FRIDA *apud* TIBOL, 2004, p.430).

O primeiro excerto citado ilustra, do ponto de vista do intelectual Edward Said, a forma como o Ocidente elaborou uma concepção do Oriente, fundamentada na ideia da inferioridade e do exotismo. Já o segundo é revelador da imagem que o colonizador tem do mexicano, ou seja, um produto passível de cotação, uma mercadoria disposta à livre negociação. Embora deslocados no tempo e no espaço, ambos os textos tratam de um mesmo problema.

A discrepância entre a representação da identidade pelo outro e como esse outro realmente se constitui revela a fratura na questão da representação da alteridade. Tânia Franco Carvalhal (1996) fornece pistas que nos levam a entender essa problemática exposta por Said e por Frida “[...] somos *contados*, isto é, integramos o relato do Novo Mundo, que se organiza a partir de um olhar de fora: o estrangeiro diz de nós para nós mesmos” (p.198). Nossa existência, enquanto povo colonizado, e nesse espaço cabe o *locus* de enunciação de Said, Frida, de toda a América Latina e todos os outros povos que possuem na sua gênese a marca da colonização, será legitimada a partir do discurso produzido e disseminado pelo

⁴ (SAID, 2007, p.3 66).

colonizador europeu/norte-americano. O colonizado vive a angústia de acreditar ser quem o colonizador diz ser, pertencer a um lugar no qual lhe fizeram crer que pertença, mas, sobretudo, em tempos atuais, reinventar-se.

Bella Josef (2005) ao refletir o mesmo cenário problemático propõe o seguinte:

Queremos repensar o lugar da América como aquele em que o código metropolitano é redimensionado, onde uma identidade cultural em processo de formação vai em busca de novas formas de consolidação. Consideramos, ainda que, se é o lugar dos paradoxos, contradições e desejos incumpridos, também é aquele em que passamos a limpo nossa história coletiva, fazendo uma releitura das genealogias que formam seu passado cultural (JOSEF, 2005, p. 114).

O colonialismo “caracteriza o modo peculiar como aconteceu a exploração cultural durante os últimos 500 anos causada pela expansão europeia” (BONNICI, 2009, p. 262). Enquanto sistema político de exploração e controle de uma nação, no campo da cultura e da identidade, deixou como herança para os povos colonizados a ambiguidade da alteridade colonial. Se, de fato, é uma emergência construirmos a nossa própria identidade, também não podemos negar que, “[...] existir é ser chamado à existência em relação a uma alteridade, seu olhar ou lócus. É uma demanda que se estende em relação a um objeto externo [...]” (BHABHA, 2010, p. 76). A existência do colonizado está profundamente atrelada a uma relação com o colonizador, constitui-se aqui o problema da identidade e da identificação.

Quer se dizer com isso que, ao mesmo tempo que necessitamos definir aquilo que é realmente peculiar à identidade, tal como reivindicou Said e Frida, evidencia-se também o desejo de apropriação da identidade do colonizador, do espaço de poder que ele ocupa, o qual foi denunciado por Frida ao afirmar que mexicanos de má-fé estavam de conluio com os *yankees*.

Esse fenômeno do desejo de ocupação do lugar do opressor é detalhadamente explicado por Bhabha e definido como o “[...] *processo de identificação na analítica do desejo*” (2010, p.75). A constituição da identidade se mostra aqui extremamente complexa, de modo que, há em jogo várias nuances que não permitem a simplificação, ao contrário, exigem a especificação de quem fala e de onde fala. Para tanto, o trecho que segue dá conta de ilustrar quem é esse indivíduo criticado por Frida:

Este processo é visível na troca de olhares entre o nativo e o colono, que estrutura sua relação psíquica na fantasia paranóide da posse sem limites e sua linguagem familiar de reversão. [...] É sempre em relação ao lugar do Outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão de papéis. [...] A fantasia do nativo é precisamente ocupar o lugar do senhor [...] (BHABHA, 2010, p. 76).

Acrescenta-se a isso o fato de que a “[...] questão da identificação nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”

(BHABHA, 2010, p.76). Esse indivíduo julgado por Frida e teorizado por Bhabha é o que figura no pós-colonialismo que, embora, esteja precedido pelo “pós”, ainda traz suas raízes fincadas no pensamento colonial.

Desejar e assumir o lugar do Outro compromete, sobremaneira, o teor do discurso que se propõe transgressor perpetuando assim, a lógica do colonizador que preconiza a exploração, a dependência, o silenciamento, a violência, a centralização do poder e da produção cultural, a detenção da civilidade e da ciência. Como então deixar de se perceber e ser visto como objeto e passar a figurar como sujeito?

2. QUANDO O OUTRO PASSA A SER OUTRO

Está na hora de não fazer ouvidos de mercador e de fazer valer sua personalidade de mexicano, de Presidente do seu povo e de homem livre. Uma palavra sua a esses senhores arrendatários de hotéis será um forte exemplo na história da liberdade conquistada pelo México. Não pode permitir que se pratique demagogia de *gangsters* com a dignidade de um decreto seu e com o acervo cultural do país inteiro. (FRIDA *apud* TIBOL, 2004, p.430)

Esse excerto é parte integrante da correspondência endereçada ao presidente e profundamente representativo da tentativa empreendida por Frida na recusa em permitir que aqueles que representam um poder hegemônico continuem determinando os rumos da nação à qual ela pertence, contrariando desse modo, séculos de submissão. Sua figura é duplamente importante, haja vista, sua atitude de não silenciamento e o lugar feminino de onde ela se expressa.

Algumas características são essenciais para se compreender os papéis desempenhados por sujeito e objeto, como por exemplo,

a opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e objeto mantida pelos colonizadores. Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador (BONNICI, 2009, p. 265).

Toda a trajetória de Frida é marcada pela agência, ou seja, “[...]a capacidade de alguém executar uma ação livre e independentemente, vencendo os impedimentos processados na construção de sua identidade” (BONNICI, 2009, p. 266). Sua palavra contra-hegemônica delineia uma inauguração da transformação do outro, colonizado e degradado pelo discurso imperialista em Outro, não o que deseja ocupar o lócus de poder daquele que domina, mas ser sujeito da história presente e futura sem, contudo, negar o passado. A representação identitária a que Frida se propõe passa pela radical negação da ingerência de uma cultura e poder hegemônicos.

Podemos entender esse empreendimento como uma reterritorialização metafórica caracterizada pelo “[...] fenômeno que devolve ao indivíduo a capacidade de reconhecer-se frente a outros, a possibilidade de intervir em sua realidade e construir um projeto coletivo

de identidade frente à realidade global” (JOSEF, 2005, p. 119). Militar pela identidade e cultura mexicana é negar a existência de um centro detentor da produção cultural e científica. Frida faz isso a partir de seu engajamento político, social, cultural e ao fazê-lo, de certo modo, valoriza a identidade latino-americana também, rompendo com a imagem estática de uma hegemonia absoluta.

Sair da condição de objeto e figurar como sujeito deve ser um projeto empreendido por toda nação que passou pelo processo de colonização e almeja a emancipação seja no âmbito econômico, político e cultural. De modo que a descolonização se caracteriza pelo “[...] processo de desmascaramento e demolição do poder colonial em todos os seus aspectos” (BONNICI, 2009, p. 272), não acontece imediatamente ao processo de independência política, mas demanda tempo e esforços coletivos. Traça-se um cenário duplamente desafiador, já que não basta apenas que o colonizado seja liberto politicamente, mas, sobretudo, na constituição subjetiva da sua identidade e do seu imaginário. Mignolo (2003) esclarece que,

a colonialidade do poder deve ser distinguida do período colonial, que se estende na América Latina do início do século 16 ao início do século 19, quando o Brasil e a maioria dos países de fala espanhola conquistaram a independência da Espanha e de Portugal e começaram a constituir-se como novos estados-nações (MIGNOLO, 2003, p. 129).

Novas formas de colonialismo se apresentam na contemporaneidade, as quais, ainda segundo Mignolo, passaram da Renascença para o Iluminismo, culminando com o neoliberalismo. Constitui-se ledor engano pensar que a economia não afeta substancialmente as questões concernentes à identidade, outremização, emancipação. Mesmo lá, à época de Frida, a denúncia já tinha sido feita: os códigos *mercadores*, *mercenários* dão conta perfeitamente do que Mignolo esclarece.

O ápice da representação da emancipação proposta e vivenciada por Frida consta na parte final de sua correspondência, ao que consta o seguinte:

[...] sou eu quem lhe escreve para [...] lhe recordar que, antes de mais nada, somos mexicanos, e que não estamos dispostos a permitir que ninguém, e muito menos uns hoteleiros de tipo *yankee*, salte para o lombo da cultura do México, raiz essencial da vida de um país, denegrindo e menosprezando valores nacionais de importância mundial e fazendo gato-sapato (*Mexican curious*) de uma pintura mural de transcendência universal (FRIDA *apud* TIBOL, 2004, p. 430).

Ainda que motivada pela defesa empreendida em favor de Diego Rivera, fica muito claro a extensão que suas atitudes alcançavam e seu propósito revelado de libertar seu país a partir de iniciativas caracterizadas fundamentalmente pela resistência e não sujeição promovendo assim um deslocamento simbólico da marginalidade de seu povo. Ela mesma declara que não fala como esposa, mas, como “[...] artista e cidadã do México e com o direito que tal cidadania [lhe] confere [...]” (FRIDA *apud* TIBOL, 2004, p.429). Esse detalhe contido na correspondência é assaz esclarecedor e define o *leitmotiv* da consciência crítica e da prática de Frida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alguns pontos destacados nesse texto foram essenciais para empreender uma análise da correspondência redigida por Frida e endereçada ao presidente do México: o conceito de sujeito/Outro, representado aqui pela figura de Frida; o conceito de objeto/outro caracterizado por todos aqueles que, na correspondência representam os que estão, ainda, subjugados ao poder colonial seja por forças estruturais estabelecidas enquanto um sistema de organização social, cultural, subjetiva seja, pelo processo, definido por Bhabha (2010) como o desejo de apropriar-se do espaço ocupado pela figura representativa do poder colonial, desdobrado por ele através do conceito da mímica e da metonímia da presença; e, por último, mas não menos importante os empreendimentos realizados por Frida ilustrativos da emergência de emancipação e as estratégias de resistência.

Embora o México tenha sido colonizado principalmente por um país europeu, os Estados Unidos figuram como um importante personagem na história recente do país. Isso se deve principalmente à proximidade fronteiriça de ambas as nações e as intensas diásporas empreendidas pelos mexicanos em território norte-americano. Esse trânsito clandestino e exploratório é tema recorrente em toda a obra de Frida, seja em seus escritos seja nas artes plásticas.

O tom usado por ela é frequentemente de denúncia e resistência às tentativas de subjugação e opressão do povo mexicano. Em outro momento de seus escritos ela chega mesmo a afirmar que não gosta nada da *high society*, descrita por ela como uma burguesia alienada e vazia (*ibidem*, p. 143). Isso revela a extensão da representatividade de toda a sua obra, sua intensa ligação com as raízes de seu povo e, sobretudo, a profunda consciência que tinha de seu papel enquanto artista, eu ousaria afirmar enquanto intelectual também.

Em muitos momentos de seus escritos ela imbui seu ofício como uma missão de transformação da sociedade; sua arte deveria promover a paz e a libertação dos povos colonizados. Por tudo isso, entendemos que Frida é um símbolo de uma voz não silenciada, um elemento diferenciador não apenas do seu tempo, mas da atualidade, um exemplo rico da função social da arte e da estética, sujeito da autoridade. Seu lugar de enunciação inaugura novos *loci* e, com isso, desloca o poder instituído e hegemônico. Ao afirmar que proteger a obra de arte de um cidadão mexicano, reconhecido mundialmente, é um ato de responsabilidade histórica, percebe-se então, o peso que as expressões artísticas conferem na constituição da identidade de uma nação e, por conseguinte na sua formação. Em contrapartida, não protegê-las é um ato político castrador da emancipação cultural.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- _____. A questão do “outro”: diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1991, p. 177-203.
- BONNICI, Thomas; ZOLIN Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª. ed. Maringá: Editora Eduem, 2009. p. 257-285.
- CARVALHAL, Tania Franco. A tradição discursiva na América Latina e a prática comparatista. In: BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva (Org.). *Literatura comparada: teoria e prática*. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 1996.
- COUTINHO, Eduardo. Sem centro nem periferia: é possível um novo olhar no discurso teórico-crítico latinoamericano? In: *Literatura e memória cultural: Anais do 2º. Congresso ABRALIC*. Belo Horizonte: ABRALIC/Editora UFMG, 1991, v. 2, p. 621-633.
- JOSEF, Bella. O lugar da América. In: JOBIM, José Luís... [et. al.] (Org.). *Sentidos dos lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005, p. 114-129.
- MIGNOLO, Walter D. *Projetos locais / histórias globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- TIBOL, Raquel (Org.). *Escritos de Frida Kahlo*. Lisboa: Quetzal, 2004.
- ZOTESSO, Ligia Ribeiro de Souza; BONNICI, Thomas; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. *A outremização em o Menino do pijama listrado*. Uniletras, Ponta Grossa, v.32, no. 2, p. 269-280, jul./dez. 2010.